

# CONGRESSO ACADEMICO

PUBLICAÇÃO MENSAL

REDACTORES:

Rodrigo Costa, Augusto Meira, Livino Madeira, Gonzaga de Arruda e Gerencio Carvalho

ASSIGNATURAS :  
TRIMESTRE . . . . . 3\$000

Recife, 18 de Agosto de 1893

ASSIGNATURAS :  
TRIMESTRE . . . . . 3\$000

## EXPEDIENTE

REDACÇÃO

Rua Paulino Camara n. 28  
segundo andar

## SUMMARY:

SUMMARY: —Dr. Campos Salles—  
*Sonhando*, A. F. B.—*A Egreja e o proletariado moderno*, Rodrigo Costa. —*Aspiração*, Augusto Meira. —*Do Crime*, Gerencio Carvalho. —*A Poesia no Direito Romano*, Dr. Alcedo Marrocos. —*Num Album*, Augusto Aristheo.—*Chronica—Registro dos Mortos*.

## CONGRESSO ACADEMICO

### DR. CAMPOS SALLES

Aportou ás plagas pernambucanas no dia 18, depois de uma viagem pelos paizes do velho mundo, em que o nome brasileiro aureolou-se de luz e prestigio, o futuro presidente eleito em 1 de Março.

O passado politico do eminente estadista, a sua cooperação na organização da Republica, com quanto o seu conceito da federação fosse ao ponto de termos dualidade de magistratura e de legislação processual, a energia do seo caracter, são penhor seguro de que S. Exc. procure felicitar a Patria, eleva-la á condição de prosperidade e engrandecimento a que tem direito.

Espirito affeito ao estudo acurado das leis, cuja competencia como advogado, *vir bonus dicendi peritus* na bella expressão de

Cicero, é conhecida no paiz, S. Exc. se acha em condições de continuar a politica patriotica do actual presidente Dr. Prudente de Moraes, de implantar entre nós a paz duradoura e inilludivel de melhorar a situação economico-financeira, de garantir os direitos violados de modo a constituir no governo da Republica uma brilhante tradição de honestidade administrativa, de escrupuloso cumprimento do dever.

Nós precisamos de homens habituados a inquebrantabilidade do dever, talhados na rocha das grandes dedicações patrioticas, que resistam ás impulsões tacanhas dos corrilhos partidarios, dos politicos sem ideal.

Ao desembarque de S. Exc. a mocidade academica se fez representar digna e brilhantemente pelos academicos Livino Madeira, Rodrigo Costa, Augusto Meira e João Lopes Filho.

No Arsenal de Marinha Rodrigo Costa cumprimentou-o em nome do corpo discente da Faculdade de Direito que, n'aquella occasião juntamente com os collegas, representava.

Seguimos a carro para o palacio do governo onde Augusto Meira, dirigindo-lhe algumas palavras de congratulação pelo seo feliz regresso, á Patria, entregou-lhe uma magnifica poesia que por ser longa deixamos de publicar.

S. Exc. teve a insigne gentileza de nos proporcionar alguns momentos de animada conversação, dizendo achar-se sempre feliz quando via-se no meio dos moços

e que o seo governo muito esperava do apoio da briosa mocidade que se prepara para as pacificas pugnas do Direito e da vida publica.

Partidario do ensino obrigatorio que incontestavelmente traz o estímulo e o levantamento do espirito academico, S. Exc. nos fallou dos desastres causados ao Paiz por um mal entendido ensino livre que, longe de indicar adiantamento mental, provou o contrario, na facilidade em conceder-se o titulo scientifico a quem mais depressa andasse.

Deixou-nos impressão summamente grata a illustrada prosa de S. Exc. captivante não só pela elevação dos conceitos, como por acercar-se de nós, manifestando sympathias pela mocidade academica de que ha 35 annos fez parte.

O *Congresso Academico*, cuja existencia de 3 annos ha sido um raro exemplo de civismo e amor ás lettras, luctando contra elementos refractarios ás noções da lealdade e do trabalho consciencioso e honrado, sauda o futuro presidente da Republica, para quem todos os brasileiros voltam suas vistas neste momento difficil da vida nacional.

## SONHANDO

De duas a duas passavam vagarosamente em minha frente, como uma procissão, infinidade de moças.

Eram tantas, tantas, que eu não lhes tinha mais a conta! E como uma especie de pó muito fino, subiam do chão, pelo espaço a cima,

até chegar a uma montanha muito alto, onde todas segurando ramos de flores dançavam muito rizonhas.

Ellas vestiam-se de roupas de cores differentes, e tinham, como ornamento especial, grandes chapéus de palha providos de fitas caídas. Como estavam lindas nesse interessante bailado !

Agora eram os homens que subiam cada um por sua vez. Tinham tambem, como as moças, os trajes esquisitos e a o som de uma orchestra divinamente harmoniosa, tocada tanto a surdina que mal se podia definir, elles começaram a dançar...

Os musicos eram pequeninos como Liliputianos de Gulliver, mediam um palmo de altura, e tocavam subindo e descendo a montanha n'uma azafama doída !

Todos tinham azas, e, de quando em vez, desprendiam-se em grandes ruflos a brincar pelos ares como os passaros.

Fatigado de tanto olhar aquella gente alegre e irriquieta, fechei os olhos e procurei dormir... Mas uma força extranha, irresistível obrigava-me a abrir os de novo, as bailarinas me acnavam meigas e alegres, e tanto encanto empregaram que insensivelmente acodi ao terno convite, e subi.

Flocos de neve rodeavam o morro como si uma nuvem de filó o envolvesse todo. A cidade appareceu-me microscopica n'aquellas alturas, como um brinquedo de bonecas.

Contemplando aquelle abysmo de altura e de belleza em verdadeiro estase, escureceu-se-me a vista, e, n'uma tontura de medo, afastei-me. Voltei-me, então para as lindas dançarinas.

Dancei tambem, e, depois, com o rosto em fogo e o corpo fatigado fui repouzar n'um recanto ameno da montanha, onde as horas me iam passando n'uma extrema doçura.

Meus olhos seguiam os flocos de neve que agora semelhavam a nuvens muito brancas como leite, a o som cadenciado da musica sempre baixa e suave.

Profusão de flores. Mil ornamentos esquisitos, ostentavam-se com uma opulencia admiravel.

Perfumes embriagantes, divinamente suaves, attrahentes e desconhecidos enchiam a atmospheria.

Julguei-me no ceu, por que deslumbrava-me o brilho luxuoso dessa noite encantadora, como se as nuvens se tivessem rasgado para ostentartanto esplendor e tanta belleza !

A lua vinha rompendo o ceu e

clareando a terra com um brilho de sol em dia de eclipse.

A um canto da elevada montanha, eu vi de costas uma mulher. A ondeada cabelleira dourada cahia-lhe em desordem até o chão, e ella tinha a cabeça inclinada, tão engolpçada em scismas que não me viu chegar.

Curioso de saber quem era aquella jovem de cabellos desgrenhados e que tão contristada e infeliz isclava-se naquelle recanto, idifferentemente ás alegrias que a cercavam, toquei-lhe no hombro para despertá-la. Estremecendo ella levantou a cabeça, e seus grandes olhos, serios e bonitos, fixaram-me com uma tristeza profunda, como se toda sua alma, e angustia estivessem encerradas nesse olhar, que me feriu como uma punhalada !

Recuei cambaleante de dôr ! Como agonizei nesse curto instante !

.....  
Era Nerina, a pallida Nerina, que me confiára um dia seu amôr.

Como ella fôra bôa !...

Todo o meu passado foi rapidamente desdobrado, e as doces lembranças, os nossos ternos juramentos vieram apparecendo no meu cerebro como uma amarga exprobação.

.....  
Nerina, disse eu timidamente.

Ella abriu os olhos, e, meiga como sempre, sorria sem responder.

Perdôa, continuei, ame-te, e amo-te ainda.

A brancura do seu rosto angelico tornou-se quasi diaphana, quando ella soluçante me estendeu a mão e falou assim :

Adhemar, em vão procurei no ceu, na terra, nas flores, no murmúrio das aguas, no riso das creanças, e no doce canto dos passaros, uma palavra terna, uma voz suave e melodiosa que me fizesse amada. A rajada do vento passou gemendo como um regougo de animal bravo, chamei-a desolada, e ella seguiu sem se voltar ; o sol com o seu brilho luminoso, não me trouxe uma scintilha de sua luz dourada ; a natureza toda me negou uma palavra de conforto.

Partiste, porem eu continuei amando-te apaixonadamente, eu te esperava todos os dias, e te esperaria até a morte, se não fosse despertada por uma voz longinqua que murmurou docemente em meus ouvidos como um cantico do ceu :

Nerina, queres ser amada ? E' justo, mas, assim como a natureza toda passou sem te olhar se quer, assim tal qual os corações...

Cançada de esperar, tu verás tambem um dia tuas illuzões fanadas cahirem rolando entrestecidas a teus pés, e tambem indifferente tu ouvirás lá no fundo do teu peito o som cavernoso deixado pela fuga do teu coração !

Adhemar esqueceu-te, esqueceu-tambem. E apontando para o ceu disse :

Agora pertenço a Deus.

Louco de tristeza estendi os braços para detel-a, mas despertei soluçando sentidamente nesse crepusculo da inconsciencia entre o sonho e a realidade.

Recife, Agosto 1898.

A. F. B.

## A EGREJA E O PROLETARIADO MODERNO

(Conclusão)

Não deixemos nosso orgulho de homens modernos se embalar de illusão. A primeira pedra da reforma social, como o repetia á sociedade Le Play, é o Decalogo. Fôra d'este fundamento nada de solido. O Christo, sómente o Christo pôde fazer deter o vento e acalmar o mar ; e o mundo não o sente, e o seculo não quer ouvir-o, e os governos, que se intitulam progressistas longe de comprehendello se esforçam por subtrahillo ás massas.

A. LEROY-BEAULIEU.

Revue des Deux-Mondes—  
1891. VI. 765.

Ainda podiamos apresentar argumentos convincentes para provar que o socialismo, sob qualquer denominação que se revista, não pode trazer a paz, o bem estar ás classes desfavorecidas, não pode resolver a magna questão chamada social.

Uma doutrina que préga o odio, desperta as tendencias perversas sopitadas no individuo pelo freio religioso que constitue ainda a base de sua vida psychica, que faz do assassinio arma politica dependente apenas da oportunidade, que anima todas as revoltas contra a autoridade, elimina o respeito e a disciplina, elementos imprescindíveis para a estabilidade de qualquer sociedade regularmente constituída, uma doutrina que odeia a esmola, despreza a caridade e a beneficencia, acoimando-as de formas delictuosas e hypocritas que a civilização adoptou para submeter os pobres aos seus caprichos e dominio uma doutrina animada de tal espirito não pode felicitar a humanidade, não pode ter o apoio do senso commum me-

dio que deve ser o pendulum regulador nos graves e intrincados problemas sociais.

A grita contra a organisação social actual, revelando sympathia supposta ou real pela condição do operario, traduzindo o desejo de melhorar a sorte d'aquelles a quem a fortuna não sorri favoravelmente, manifesta claramente intuitos demolidores de toda coparticipação religiosa nessas immensas moles humanas que são, quando entregues aos seus desvarios, o terror dos governos.

Os theoristas das idéas *adiantadas* chegam ao contrasenso de considerar o Christianismo como uma superstição de que é preciso curar os povos, arrancando de seus corações a boa semente da fé, unica capaz de engendrar as grandes dedicações e os sublimes sacrificios.

Longe de chegarem a um resultado pratico que preencha os fins do homem em sociedade, esses theoristas contribuem para augmentar o numero dos descontentes de toda sorte, lançando-lhes nos cerebros inflammados de recriminações e odios, as idéas mais subversivas e attentatorias da conducta e da responsabilidade moral.

A guerra de exterminio á Egreja vae, além de leis draconianas contra os institutos catholicos e patrimonios das ordens religiosas com o fim iniquo e anti-civilizador de acabar com as vocações, ao ponto de se falsearem as noções mais elementares da Historia.

E' assim que uma professora ensinava aos discipulos que os *dous* redemptores da humanidade foram Jesus Christo e Garibaldi; um examinador perguntava ao examinando o nome d'esse *operario* que no reinado de Tiberio fundára uma nova religião na Judéa; chegaram mesmo a supprimir na Italia o ensino da *Historia Sagrada*, tornando assim incomprehensíveis dez seculos de arte e litteratura alimentadas de lembranças biblicas. (1)

Para que citar mais factos quando é o proprio Garofalo quem observando a alma contemporanea, deixa escapar de sua penna de mestre periodos como os que se seguem, os quaes não me posso furtar de transcrever para estas pallidas considerações, pois que não só patenteiam eloquentemente o sentir de todo homem bem intencionado pelos destinos de sua patria, senão tambem traduzem exactamente o meu modo de pensar sobre o assumpto: « Os jacobinos ridiculos que desde trinta annos impam de mestre nas nossas communas, commetteram a falta grosseira de abolir nas escolas a instrucção religiosa, salvo a invocar nos momentos de perigos um Deus abstracto, uma especie de Ser supremo á Robes-

pierre que não é o Deus familiar, sempre presente á consciencia do homem religioso em cada uma de suas acções, na sua vida inteira.

E' impossivel seguir o atheismo na educação da infancia.

O ensino moral não tem sentido, ou, pelo menos, efficacia, sem uma base religiosa—eu digo mais, sem as emoções provocadas pelos mysterios da religião.

De resto, o ensino da moral não foi mesmo ensaiado. O ensino religioso abolido, os meninos não ouvem mais ninguem lhes dizer que é preciso não matar, não roubar, não enganar e que o homem deve amar seus semelhantes e reprimir seus sentimentos de inveja e odio.

Importa que a mocidade ouça fallar de deveres, que aprenda que EXISTEM LEIS DE CONDUCTA NÃO CREADAS PELO HOMEM NEM VARIAVEIS AO SEU CONTE-TO». (2)

Precisamos terminar estas incoherentes observações e depois de ter exposto *per accidens* os vulneraveis principios sobre que se apoia o socialismo e mostrado a inconsistencia d'elles como base da reforma social que mais do que nunca requer bronza envergadura de um corpo collectivo disciplinador das actividades dispersas, manda a boa logica que indiquemos o remedio do mal social, o efficaz e inilludivel remedio a que as nações hão de recorrer quando virem todos os recursos dos seus estadistas desaparecerem na voragem do imprevisito.

A Egreja, cuja acção não se limita unicamente ao dominio da consciencia individual, de modo a constituir uma estofa dentro da qual as expansões da alma humana se comprimem e morrem, mas ao contrario se prende intimamente a todas as manifestações da actividade e do trabalho na vida social, a Egreja sabe inspirar e animar todas as fecundas iniciativas, todas as uteis reformas tendentes ao melhoramento das condições de existencia.

Basta abrir a Historia justa e imparcial para levar a convicção desse postulado ao espirito mais emperrado.

A' ignorancia do estado da Historia ou á má fé é que devem-se os erros e mentiras que por ali campeam, o que levou a um lente de direito civil dizer em plena aula que Maria Santissima era prostituta e negra africana.

Quando dos labios d'un mestre sahem dessas heresias historicas o que esperar da massa anomyma entregue ás abominaveis suggestões de uma propaganda minaz e aterradora?

As monarchias e as republicas por mais celebres e preponderantes nos destinos de um povo tiveram sua missão limitada a curto periodo de tempo, não assistiram o desenrolar dos seculos por

sobre o caminhar da humanidade, tiveram a vida, pode-se dizer, da phalena que cansada de volitar em derredor da lampada, se precipita e queima.

Com a obra imperecivel do Christo ve-se o contrario: os seculos succedem os seculos, os cataclysmas dam-se revolvendo a ordem physica e moral e no meio desse pandemonium da historia só uma instituição fica de pé, conservando a placida serenidade de sua missão sobrehumana, diffunido a luz da civilisação e da sciencia aos reconditos da Terra, congregando todos os povos debaixo do mesmo pallio de verdade e justiça.

A Egreja, cuja *augusta dynastia se estende e se perde no crepusculo da fabula e permanece não em decadencia, não em mera antiguidade, porem cheia de vida e vigor juvenial*, (3) desde os primordios de sua fundação tem trabalhado incessante e pertinazmente pela reivindicación dos imprescriptiveis direitos do homem, elevando a mulhor da degradante posição de escrava ao sublime papel de mãe, defendendo os fracos contra os fortes pelos innumerados institutos de beneficencia e caridade.

O que eram as catacumbas onde se reuniam os fieis para reindicar os direitos da consciencia espinhados pelo bestial predominio dos cereres? O que eram as comunidades religiosas dos Benedictinos, rehabilitando o trabalho e oppondo á conquista e á guerra os principios egualitarios das democracias? O que eram os municipios que sahiram das Crusadas e quebraram as cadeas de servos do antigo regimen feudal? Os concilios da Baziléa e de Constança que combateram o autoritarismo ecclesiastico? Os grandes apóstolos democraticos, S. Francisco de Assis e S. Antonio de Padua destruindo o feudalismo com a creação de sua ordem? As cortes, e todas as instituições parlamentares dos povos medieviscos senão os fructos nascidos e razonados no seio da immensa arca da Egreja Catholica?

Si tudo isto é verdade, porque não affirmar baseado no enorme patrimonio de conquistas civilisadoras, que a questão chamada social, a lucta entre patrão e operario, terá sua solução logica e concludentemente nos principios professados e ensinados pelo Christianismo, cuja pedra angular é a Egreja Catholica?

Para quem estuda o desenrolar dos factos sociaes não passará despercebido o intenso movimento, iniciado por eminentes membros da hierarchia catholica e brilhantes escriptores que tem posto todas as energias de suas intelligencias, já nos parlamentos, já nas conferencias e livros no sentido de melhorar a condição do proletario.

(3)... the augusty dynast extends till it is lost in the twilight of fable... remains not in decay, not a mere antique, but full of life and youthful vigour. Lord Macaulay's *Essays and Lays of ancient Rome*. pag. 571

(1) F. Nobili—Vitelleschi *Socialismo ed anarchia*, na *Nova Antologia*, pag 279, 15 de Junho de 1891. Citação de Garofalo.

(2) Garofalo. *Superstition Socialiste*, pags. 266 e 267.

Na Allemanha surge Ketteler, o illustre bispo de Mayença, que inicia a campanha democratica, verberando as iniquidades do regimen moderno, indo muito além dos protestos de Lassalle e Karl Marx e propondo no *Reichstag* a codificação do direito operario, a formação de associações cooperativas de produção.

Na Inglaterra o extraordinario cardeal Manning codemna os abusos com o trabalho das mulheres nas fabricas e a insufficiencia de accommodações dos operarios, e, com a sua presença apostolica, consegue cessar uma formidanda greve que se tornou celebre no paiz do Jury e do Habeas-Corpus.

Na Austria o barão de Nagelsang, na Suissa o Dr. Decurtins, na França uma pleiade de notaveis oradores e ricos industriaes como Du Pin, Leão Harmel, De la Tour e o recente membro da Academia Franceza conde Albert de Mun são os perseverantes paladinos das idéas de Leão XIII emittidas na luminosa Encyclica *Rerum Novarum* de 15 de Maio de 1891.

Nesta Encyclica, digna da meditação dos legisladores e de todos os homens rectos que deviam aprendel-a de cór, se acham compendiados todas as hypothèses, todos os casos de assistencia, de melhora economica do operario.

Assigna as causas reaes dos males que acabrunham a sociedade: a destruição das antigas corporações sem nada lhes substituir d'onde nasceo o rispido individualismo; a ausencia do sentimento religioso nas leis e instituições publicas, imposta pela oppressão de um odio sectarismo acanhado; os trabalhadores isolados e indefesos entregues á merce de patrões deshumanos e á cupidez de uma concorrência desenfreada; a usura voraz sob as novas formas da agiotagem moderna e organização do credito.

Destas multipas causas indicadas e amplamente explanadas pelo genio incomparavel de Leão XIII nasceo o estado afflictivo, desesperador das classes inferiores, de que o socialismo não é senão uma consequencia e cujos effeitos damninhos á ordem publica substituirão emquanto não forem atacadas as causas que os engendram.

Destruindo as noções do direito cesareano ensinado nos livros e nas Academias, Leão XIII proclama que na questão do salario, a justiça do contracto não depende unicamente do livre consentimento das partes.

« Façam, pois, diz elle, o patrão e operario todas as convenções que lhes aprouver, cheguem inclusivamente a accordar na cifra do salario acima de sua livre vontade está uma lei de justiça natural, mais elevada e mais antiga, a saber, que o salario não deve ser insufficiente para assegurar a

subsistencia do operario sobrio e honrado. » (4)

As uniões profissionaes, as corporações de operarios vão tendo grande expansão nos centros productores da Europa onde industriaes como Leão Harmel e Ferou-Vrau hão tido a ventura de realizar assembléas geraes de 20.000 homens sendo preciso procurar o campo para effectual-as. (5)

Aqui entre nós comquanto não tenhamos o encarnigamento das luctas socialistas pode-se citar como exemplo de quanto è benefico o zelo christão quando alliado á intelligencia e á força de iniciativa a fabrica é villa operaria de Camaragibe.

Sob a esclarecida direcção do Dr. Carlos Alberto de Menezes, cujos dotes de espirito e coração o constituiram em Pernambuco o patrono de todas as elevadas causas do progresso e levantamento moral dos operarios, a fabrica de Camaragibe pode ser apontada como modelo de usina christã.

Desse fecundo movimento aconselhado e animado pelo immortal Leão XIII já as nações tem colhido resultados satisfactorios: haja visto para os magnificos congressos de patrões e operarios com o fim pratico de corrigir defeitos de organização e melhorar cada vez mais a condição dos artifices, de modo a eleva-os a justa posição a que fazem jus como homens necessarios ao progresso e á civilização, não fallando já nos innumerados jornaes e revistas dedicados especialmente ao estudo das questões sociaes e suas relações com a Economia Política.

As sociedades não vivem de vagas especulações philosophicas sem applicação pratica e exequivel na vida diaria, precisam de principios, de normas que sem chocarem a philosophia natural se adaptam imbricadamente ás exigencias da vida social.

Ao contrario de Charles Darwin que pretende dar-se a selecção das especies na humanidade como na natureza inferior pela violencia, o espirito eminentemente pratico da Igreja soube inspirar homens que effectuam a selecção do operario pela dedicacão e pelo sacrificio, isto é, pela pratica do devotamento.

E' o que se observa nas grandes fabricas e usinas onde o patrão, longe de ver no operario a besta productora de maior força muscular, ve o amigo dedicado que o ajuda a accumular ingentes sommas e, destas relações christãs entre um e outro, nasceo o respeito, a dedicacão e a amizade que por sua vez se reflectem no meio social, produzindo os bellos exemplos de virtudes privadas e publicas: a honestidade nos costumes, o culto da familia, a moderação, o amor

da patria e d'ahi portanto o horror ás sedicções e revoltas injustificaveis, de que são tristes instrumentos os operarios sem conforto e bem estar, que, embaldados pelas utopicas promessas de uma felicidade paradisiaca, são presos dos mais inauditos desvarios.

RODRIGO COSTA.

## ASPIRAÇÃO

A' LEVINO MADEIRA.

...hediondo é tudo  
O que eu conheço aqui; eis porque volto  
O olhar, assim, para o que não conheço!

R. CORREIA.

Oh, si eu pudesse voar!  
Oh, si eu pudesse feliz  
Das cordilheiras distantes  
Librar-me nos alcantis!  
Então na eterna harmonia  
Dos azués da serra  
Talhára o meu ninho... e após  
P'ra vesti-lo docemente  
Colheria heroicamente  
As plumas dos arrebóes!

E, em quanto enorme adejasse  
Nos zeniths dos sonhos meus,  
Como a estrella, que descamba  
Na curva immensa dos céos,  
Lembrassem dubios queixumes  
Volitar de vagalumes  
As ondas glaucas do mar,  
A terra humilde arvoredado,  
Que o exame fosse a medo  
Mesquinhamente adejar!

E que os rebanhos errantes  
Correndo nos descampados  
Fossem vermes pululantes  
Nos putrefeitos valados!  
E os cedros grandes, sublimes  
Os pilos fossem dos vimes...  
E o guaiar do caçador  
Alado n'essas planuras  
Das debruçadas alturas  
Fosse um idyllo de amor!

Os astros, gottas floridas  
Brilhantes fossem de luz,  
Que das ramagens partidas  
Pendessem dos céos azues...  
Ou fossem rubros arminhos,  
Ou trillos fulvos de ninhos,  
Orchestras de rouxinol  
E em meio as telas extranhas  
Dos cirros, debeis aranhas  
Fosse a lua e fosse o sol!

E os nimbos aureolados  
De sinuoso clarão  
Fossem os polens dourados  
Dos palmeiraeas d'amplidão,  
As coruscantes scentelhas  
Dos raios fossem abelhas  
Volantes atraz de mel,

(4) *Cartas Encyclicas* de Leão XIII. Porto 1893, vol. 2 pag. 265.

(5) Ver *Les Questions Actuelles* tomo 39, 12 de Junho de 1897 pag. 113.

E que os trovões explodidos  
Fossem longinquos ruidos  
De colibris em tropel !

Quem sabe ?!... eu irei ovante  
A's nuvens de ouro subir !...  
Me aguarda talvez gigante  
Um ninho enorme—o porvir !  
Presente-o !— di-lo sem medo  
Minh'alma sobre o rochedo  
Inquebrantavel da fé,  
Deslumbrante, alviçareira  
N'um sorriso de palmeira  
Sobre as montanhas de pé !

Oh !... sinto essa hilaridade  
Festiva bulhar em mim  
De taças quando se partem  
Ao desvairar do festim !  
E dentro em meu peito insanos  
Marulham como oceanos  
Em caudaes, no coração  
Esses delirios frementes  
Dos soltos raios candentes  
Nas praias da solidão !

Eterna explode em meu craneo  
De luz immensa caudal  
Como nas fragas longinquas  
O transbordar de um fanal,  
E assoma, e se alarga immensa  
Alviçareira, suspensa,  
Na tela dos sonhos meus,  
Qual dourando apenevroses  
Na forja de apothooses  
O alchimista de Deus !

Minh'alma faz-se indomavel  
O cometa rubicundo  
Largando a coma das azas  
Nos infinitos som fundo !  
E voa, e rasga o intangível  
Lençol das noites, o incrível  
Longinquo da immensidade,  
Onde as estrellas pululam,  
Onde seus labios se osculam  
Terriveis de hilaridade !

Oh sonho !... abysmo do auroras  
E brumas...—sonho infinito,  
Que fazeis dos invejosos  
Ser invejado um precito !  
Quantas vezes absorto  
Vou transido sobre o horto  
De angustias e pesadelos  
Sentir bulharem fulgentes  
Os astros soltos, pendentos  
Da noite dos meus cabellos !

Recife, 25 de Junho de 1898.

AUGUSTO MEIRA.

DO CRIME

Ainda não foi possível até o presente,  
dar-se uma definição de crime que sa-

tisfaça, apesar da grande quantidade  
que tem apparecido. Segundo Joly, uma  
definição scientifica do crime que abran-  
ja todo o definido, é talvez impossivel.

Os diversos codigos pouco ou nada  
differem entre si, quanto á concepção  
que dão a palavra *crime* como se pode  
deprender do confronto das seguintes  
expressões.

O Codigo Penal da Republica diz :

« Art. 7.º Crime é a violação imputa-  
vel e culposa da lei penal. O Codigo  
Penal Francez : « A infracção que as  
leis punem com uma pena afflictiva ou  
infamante é um crime. » « Crime ou de-  
licto é o facto voluntario declarado pu-  
nível pela lei penal »—diz o Codigo Pe-  
nal Portuguez. Assim, são mais ou me-  
nos as expressões dos diversos codigos  
e não resta duvida alguma que de outro  
modo poderia ser concebido o crime em  
seu aspecto *formal* ou *legal*.

Pondera o Dr. João Vieira que um  
codigo, por ser uma lei positiva, deve  
dar antes um conceito preciso e conciso  
do crime do que uma definição. D'este  
modo, acrescenta elle, dizendo-se que  
*é crime todo o acto contrario á lei pe-  
nal*—tem se dicto tudo.

D'aqui, passemos a considerar um as-  
sumpto mais importante, arduo demais  
para as nossas forças pelo que deixamos  
de penetrar-o intimamente, reservando  
somente para nós o intento de tratá-lo  
pela rama, de traçar uma tangente no  
circulo embaraçoso e n que se move uma  
verdadeira cabeça de Medusa. Quere-  
mos nos referir á definição de crime no  
ponto de vista philosophico ou theorico.

Foi n'este sentido que fizemos notar  
no cabeçalho deste escripto—que innum-  
eras são as definições de crime, e pó-  
demos até dizer com Joly que são tan-  
tas quantos os criminalistas. A grande  
verdade é que nenhuma d'ellas recebeu  
ainda a sagração da sciencia.

Ao que parece, quem melhor tem dis-  
cutido sobre o assumpto que nos inte-  
ressa, é o professor da universidade de  
Napoles, o Sr. Garafalo.

Depois de ter feito uma analyse minu-  
ciosa dos sentimentos que pouco foram  
apparecendo na humanidade, nobilitan-  
do-a, isto é elevando-a no caminho da  
civilisação, redul-os a dois typos, por  
serem estes geralmente existentes em  
todas as sociedades humanas. salvo as  
poucas excepções.

Feita essa analyse, Garafalo define o  
delicto *natural* ou *social* : « uma lesão  
d'aquella parte do senso moral que con-  
siste nos sentimentos altruistas funda-  
mentaes (*piiedade e probidade*), segun-  
do a medida media em que se acham nas  
raças humanas superiores, e a qual me-  
dida é necessaria para a adaptação do  
individuo á sociedade ».

O incontestavel merito d'esta definição  
consiste em que, além de se adaptar ás  
idéas evolucionistas, se acha perfeita-

mente de accordo com a judiciousa e bri-  
llhantissima analyse que o notavel pre-  
citado auctor faz da palavra *delicto*, che-  
gando, por um esplendido desenvolvi-  
mento de ponderações, a estabelecer ba-  
ses seguras para o sustentaculo da sua  
definição.

Uma outra definição que poderá pa-  
recer correctea e expressiva, por isso que  
resulta do confronto ou da fusão das  
de Carrara e Pessina com a de Garafalo,  
é a que dá Berenini nos seguintes ter-  
mos : « O facto do homem violento ou  
fraudulento, que infringe as relações  
fundamentaes da sociabilidade, prohibi-  
do pela lei, e determinado por motivos  
anti-juridicos e anti-sociaes, que revelam  
a falta absoluta ou relativa no agente  
de sentimentos altruistas fundamentaes  
necessarios para a adaptação do indivi-  
duo á sociedade ». Mas, apreciando-a, o  
Dr. João Vieira critica-a em dois pontos.  
O primeiro, é quanto ao crime ser um  
*facto*, pois que póde ser tambem um  
*não-facto*, como por exemplo : nos ca-  
sos de *omissão* ou *mação*.

O segundo, é com relação ás palavras  
*fraudulento* e *violento*. Diz elle que  
não concorda com Berenine, que ainda  
mesmo em sentido muito vago e geral  
a *violencia* e a *fraude*, como modos de  
operar humano, importem uma nitida  
distineção entre a actividade juridica e  
anti-juridica.

Entretanto que esse mesmo escriptor  
parece que acha criteriosa a de Garofa-  
lo, quando declara em seu « commentario  
ao Codigo Criminal de 1833 » que foi,  
fazendo applicação admiravel dos dados  
da theoria evolucionista psychologica e  
moral, que elle deu a alludida definição.  
A ella, em um outro trecho, elle ainda  
se refere favoravelmente d'este modo ;  
« Parece-me sufficiente no ponto de vis-  
ta legal a definição que dei do crime (a  
qual já transcrevemos acima) ; no pon-  
to de vista theorico a de Garafalo é uma  
feliz generalisação das idéas evolucionis-  
tas ».

Não finalizemos, sem tocar na escola  
classica que se assemelha a uma obra  
em ruina e constitue um anachronismo  
para os tempos que decorrem.

Não ha espirito despreocupado que,  
sentindo o influxo da nova escola pe-  
nal, propenda acceitar a theoria que já  
deu o seu cacho, a escola que foi a glo-  
rio de Carrara e Beccaria, etc.

Perante a actualidade, não é pura-  
mente erroneo pronunciar-se com os es-  
criptores da escola tradicional—que o  
crime é a violação voluntaria e livre de  
um principio da justiça absoluta, sanc-  
cionado na legislacção positiva ?! De  
certo. Como diz o Dr. Viveiros de Cas-  
tre em sua obra « A Nova Escola Penal »  
« essa definição tem dois principios que  
caracterizam : — a eternidade de uma  
justiça immutavel pairando sobre o  
tempo e as sociedades, e o livre arbitrio  
como guia da conducta humana ». De-

pois, elle mostra a inanidade d'esses dois principios.

Ora, uma justiça immutavel é cousa inconcebivel, somente aceita por quem não quer ver a alteração que soffre o nivel ethico nos diferentes estados da sociedade.

E, quanto ao livre arbitrio, elle é inteiramente reprovavel no estado actual da sciencia.

Comtudo, não podemos deixar de render homenagem á escola antiga, pelo facto de ter sido enormissima a sua utilidade na Criminologia, a qual foi preciso atravessal-a para se crystallizar sob a forma em que hoje se acha. De outro modo, estariamos zombando de uma lei, que é uma verdade suprema em a natureza—a da transformação dos seres, estariamos rindo da larva que se transformou em borboleta.

GERONCIO CARVALHO.

## A poesia no Direito Romano

### III

A SCIENCIA NOVA, a que já investiu um critico a pretensão do titulo, para reconhecer entretanto que o autor justifica-o de sobra, não é um desses monumentos fundidos de um só jacto, mas o paciente labor de trinta annos de um trabalho herculeo da intelligencia, a accusar, nos menores detalhes, os cem graus do genio, de que fala Hugo, assombrado de encontrar em cerebros humanos a mesma intensidade ignea de muitas astros.

Das tres edicções successivas da obra em 1725, 1730 e 1744, cada uma das duas ultimas que accuse maiores divergencias com a primeira, não só quanto ao methodo, que Vico confessou necessario emendar, mas sobretudo quanto a leis novas e novos principios totalmente silenciados antes.

E' que na mole immensa de factos no livro argamassados, que tão pesada tornam a sua leitura, a despeito do brilho inexcédível de um estylo masculino e fecundo, a expectativa sempre attenta do sabio e a contensão do espirito em ruminar sempre as mesmas idéas, tinham acabado por surprehender mais algumas leis e principios.

No numero dessa ullima classe de descobertas mais serodias não é possivel capitular a dos symbolos religiosos e juridicos.

A rica efflorescencia d'elles, tão intensa que faz lembrar a exuberancia da vida vegetativa de certos periodos geologicos anteriores, provavelmente os mesmos em que as flores limitavam-se a simples reproducção dos seus orgãos

sexuaes, como pretende um naturalista, (21) sem que houvessem ainda, por *coquetismo*, aprendido a tocar-se em maravilha e ideal dos poetas, a rica efflorescencia d'elles, repito se havia escapado ás vistas dos historiadores, não podia escapar igualmente aos olhos de lynce do italiano, que, sobre, ser um ho-de excepção, devia possuir o sexto sentido peculiar a seus compatriotas, o dom scioptico de adinhar o bello, mesmo nas trevas mais intensas.

E tanto não escapou que é para mim ponto assente que não pouco deve ter influencia, symbolica no animo do philosopho para a sua tricotomia da vida da humanidade e denominação dos dois primeiros periodos d'ella.

Assim, a despeito de mais de seculo e meio de existencia, constituem ainda os aphorismos de Vico sobre o assumpto a fonte mais preciosa a que se soccorrem os que, como Creuzer (22), se propõem decifrar o sentido dos symbolos e penetrar o espirito do mundo antigo.

Deduzindo dos factos que a hunidade historica tem como causa a religião, sustentando que os fundadores da sociedade foram os cyclopes homericos a quem pedio o qualificativo do *strictum jul civile romanorum*, por elle chrisnado de direito cyclopico, procura Vico exhumar das velhas crengas religiosas as leis e principios a que empresta a autoridade do seu nome.

O symbolo manifestou-se-lhe fatalmente, mau grado o desprezo em que jazera, como a unica chave para o passado.

Segundo a divisão tricotomica pelo philosopho adoptada para a vida da humanidade, o primeiro periodo d'ella é o periodo divino ou do predomínio theocratico e toda religião, no conceito de Renan, reduz-se a um verdadeiro symbolismo.

Para decifrar tal periodo teve, pois Vico antes de tudo que dissecar o symbolo e consubstanciar-se com seu espirito, vivicando-o, tarefa que hoje pode parecer ligeira, mas verdadeiro supplicio de Atlas para o seculo XVIII, pois, como nota Biot, «nas sciencias nada ha mais facil do que o que foi descoberto hontem, e nada mais difficil do que o que deve ser descoberto amanha?»

Fora na verdade preciso ter acompanhado longos annos a tensão com que o espirito do napolitano, sempre tocado da febre implacavel do saber que lhe attribuem os seus biographos, perscrutava os factos, para aquilatar o peso de sua empreza; mas a Esphyngue discerrou os labios e de sua palavra divina, do estupendo *fiat* biblico, brotou a luz.

Para esse resultado teve Vico que restaurar o passado, soccorrendo-se aos fracos vestigios d'elle conservados, com

o mesmo labor e paciencia com que Cuvier, um seculo mais tarde, com pequenos fragmentos de animaes extinctos, animou-se a reconstruir a fauna anti-diluviana.

A idolatria, para elle, faz-se a primeira religião *incipit* fatal para a humanidade que sem o influxo benefico da superstição não alcançaria domar a força, livre então do açaimo que lhe tem tentado impor a civilização.

O espirito infantil dos primeiros homens, mergulhado ainda em pleno crepusculo, segundo o philosopho, inapto para os processos complicados da logica actual, peado e impellido pela lei do menor esforço, accrescentarei com Ferrero (23), limita-se a symbolisar tudo, partindo, n'esse trabalho, da natureza e suas forças (symbolica natural) para chegar a si mesmo (symbolica anthropomorpha) e elevar-se finalmente ao mundo das abstractões (symbolica reflectida).

D'ali um grande numero de seres ideaes, creados pelos antigos, concretizando certos cyclos historicos, sob o disfarce de nomes proprios, que, segundo o philosopho, tornaram-se o factor capital da desorientação dos historiadores dos velhos tempos, tomaram a nuvem por Juno, isto é, como realidades esses entes chimericos; mas não é ainda tudo.

Essa exuberancia de symbolos, caracteristica da infancia do mundo, exuberancia que constitue as primeiras, mas tambem as mais ricas manifestações da poesia, favoreceu igualmente o apparecimento dos poetas e creadores, cuja herões falam ao começo por emblemas e signaes e mais tarde por metaphoras.

Para Heraclito não passam as palavras, que os brahmanes chegaram a elevar, no cyclo vedico, a cathegoria de deus (24), de *sombras das cousas*.

A linguistica repelle essa phantasia singular do philosopho, mas a critica aceita-se as vezes, constatando que alguns assumptos ha em que a palavra faz um verdadeiro papel de *sombra*, pois quanto mais discutidos, mais obscuros se tornam elles.

E' o caso d'essa pittoresca e singular linguagem dos herões, que até o seculo passado não fora devidamente interpretada, limitando-se os rethoricos a resolver-a em varias figuras, mas a qual Vico dedicou um dos corollarios do seu livro (25), n'ella bebendo fartamente o valor e significação dos symbolos, que foram, na antiguidade, a forma sob que, se me consentem a expressão, se encarnaram a religião e o direito.

Não preciso ir alem na analyse ence-

(24) Zaborowski—*Lorigine du langage*, pag. 6.

(25) Liv. II, Coroll. sobre os tropos monstros e transformações poeticas.

(21) Zaborowki—*Les mondes disparus*

(22) Creuzer—*Symbolik*.

(23) Ob. cit., pag. 13.

tada da *Scienza Nuova*, para o fim que collimo.

O primeiro periodo da vida da humanidade, periodo divino, segundo a classificação do philoso, caracteriza se pela exuberancia dos symbolos religiosos e juridicos.

A riqueza dos primeirss sobreleva e muito a dos segundos, mas ainda assim o numero d'estos é de veras immane, pois quasi não se pode deparar na antiguidade um só preceito juridico que não se oriunde de um symbolo.

Como Vico, seus epigonos attestam essa verdade, que não pode perigar ante os vestigios claros no direito moderno do antigo symbolismo juridico, que de tão pronunciado perfume poetico impregnou toda a jurisprudencia antiga, da qual aclama Michelet Homero a Papiniano.

Alguns exemplos edificarão mais os incredulos que todas as razões apresentaveis.

No direito patrio conhecem todos a *arrematação em hasta publica*.

O que, porém, nem todos sabem é que a expressão *arrematação* tem a sua origem no ramo, que entre os lombardos, os allemães, os bavaros, os burguinhões, os francos salios e os romanos dava a tradição da propriedade (25), ramo que intervem no acto, e a *hasta publica* é uma sobrevivencia da lança «que se levantava no tribunal dos centumviro, que decidiam das questões de propriedade». (26)

(Continua).

ALCEDO MARROCOS.

(25) Theophilo Braga—*Poesia do Direito*, pag. 46. Ferrero—ob. cit., pag. 90.

(26) Ragneau et Laurière — *Gloss. Denisart — Subhastations*. Theophilo Braga—*Poesia do Direito*, pag. 126.

tacar, para a confusão dos nullos que do tudo chasqueiam, as valiosissimas assignaturas do nosso provecto Director Dr. Joaquim Tavares e dos nossos eruditos Mestres Drs. Clovis Bevilacqua, Adolpho Cirne, Constancio Pontual, Oliveira Fonseca, José Vicente, Samuel Mac-Dowell filho e Gomes Parente.

— Devido a embaraços e difficuldades de momento na typographia em que é composto o nosso jornal sahe um pouco tarde e fóra do tempo do costume.

Si o Codigo Penal comminasse penas para o editor que demorasse a impressão d'um jornal não dispensariamos o recurso legal e chamariamos á conta o relapso.

Sae o *Congresso Academico* com data de 18 pelo facto de coincidirem as homenagens do corpo docente e discente da Faculdade de Direito com a chegada do Dr. Campos Salles.

— Com o brilhantismo que soem ter as festas da intelligencia, a mocidade academica celebrou a data da fundação dos cursos juridicos no Brazil com uma sessão magna e uma comedia no theatro Dramatico Familiar.

A's 8 horas da noite repletas as galerias de gentis senhoras e distinctos cavalheiros que accederam ao nosso convite, occupando a mocidade academica as cadeiras da plateia, foi aberta a sessão, ao som do hymno nacional, pelo Director da Academia Dr. Joaquim Tavares de Mello Barreto que pronunciou curta mais eloquente allocução, dando em seguida a palavra ao orador official.

Eurico Chaves accuou a ottenção do auditorio por espaço de 20 minutos pronunciando um substancioso discurso que agradou geralmente, não só pela elegancia da forma senão tambem pela elevação dos concertos emitidos.

Seguiram-se com a palavra os Srs. Gastão Vasconcellos pela *Escola de Engenharia*, Raul Bilhar pela *Gonçalves Dias*, Alvaro Fenelon, pelo *Gremio Victoriano Palkares*, Mathias Maciel Filho pela *Escola de Direito*, Jose Roque Dias da Silva, Affonso Duarte de Barros e João Barreto pronunciaram bons discursos allusivos a aurea data de 11 de Agosto.

Por ultimo occupou a tribuna o eminente mestre Dr. Adolpho Cirne que, em nome da mocidade academica, agradeceu o comparecimento das gentis senhoras a essa festa da intelligencia, vindo com suas presenças abrilhantal-a cercanda-a da immarcessivel aureola que o coração da mulher sabe imprimir a todos os actos da vida.

— Temos em nossa banca de trabalho o *Pequeno Boletim* do Conselho Central do Recife da *Sociedade de S. Vicente de Paulo* de Junho e Julho do corrente anno. Além de leitura instructiva sobre varios assumpto Moraes e factos edificantes passados entre os que

## NUM ALBUM

D. Alice, desculpe : eu sei que estou manchando  
As dobras côr de rosa de seu livro terso,  
E sinto que o remorso mais me opprime, quando  
Mólho a penna infeliz para deixar meu verso.

Tenho remorsos, creia, e vou prova-lo. Eu ando  
Vasio de illusões, o pensamento immerso  
Em sombras que não passam, temeroso bando  
De tudo que de negro existe no Universo.

E não posso dizer coisas alegres, como  
As paginas gentis do primoroso tomo  
Que encerra de su'alma as illusões ditosas...

Mas... vou sempre dizer-lhe alguma coisa : « Emquanto  
A Noite me envolver nas sombras de seu manto,  
A Aurora lhe reserve uma porção de rosas.»

AUGUSTO ARISTEU.

## CHRONICA

— Pela terceira vez tentam solapar a honesta organização da familia com a introdução do divorcio pleno no corpo de nossa legislação.

Não queremos discutir os inconvenientes e desastrosas consequencias provenientes da dissolução do vinculo matrimonial, pedra de toque da moral publica de um povo; pois que está no bom senso de todo homem honesto, sem serem precisas considerações juridico-philosophicas, que o affrouxamento dos laços da familia traz o definhamento do caracter, a corrupção desbragada dos costumes, o incentivo ás embosecadas em que são sacrificados o pudor e a honra das nossas patricias.

Contra essa irreflectida tentativa de annullamento da familia se ha levantado a opinião nacional representada pe-

las distinctas senhoras e dignos cavalheiros que tem enviado á Camara dos Deputados representações, fazendo sentir aos delegados da Nação que essa lei está em antagonismo com a nossa historia, com a nossa raça, com as nossas crenças.

Secundando o bello movimento iniciado pelos Estados de Minas-Geraes, Bahia, Rio Grande do Sul e outros, Pernambuco promove entre os seus filhos o apoio inilludivel ao protesto contra o projecto do divorcio em discussão na Camara.

Milhares de assignaturas de pessoas de todas as condições e de ambos os sexos enchem as listas da representação, que dentro em breve será dirigida á Camara dos Deputados.

Dentre as pessoas illustradas e competentes, além de crescido numero de collegas da Academia, que assignaram a representação antidivorcista, devemos des-

se dedicam ás obras de caridade, o *Boletim* de Julho traz o magnifico relatório do talentoso quando modesto Dr. Landelino Camara, lido na penultima Assembleia Geral. Pelo Relatório Geral dessa admiravel Sociedade publicado em Paris ve-se que as Conferencias do Brasil possuíam em 1896, 3314 membros activos, tiveram de receita 529:154\$300 e de despeza 415:320\$000.

Quizeramos transcrever para esta chronica tudo o que de bello ha nesse mimoso *Pequeno Boletim*, escripto com o coração dilatado de santas emoções pelos seus illustres redactores.

— Após alguns mezes de ausencia volta a honrar as columnas do *Congresso Academico* a nossa brilhante collaborada, A. F. B. Para nós é animador trabalhar nas lides da intelligencia vindo ao nosso lado a alma candida da mulher brasileira, trescalando o vigor que lhe dá a natureza uberrima dos tropicos.

— Pelo Sr. Dr. Luiz Beltrão de Andrade Lima nos foram offerecidos os fasciculos 1.º 2.º 3.º 4.º 5.º 6.º dos *Pontos de Direito Romano*, compilados pelo Dr. José Diniz Barretto, lente que foi da Faculdade de Direito do Recife.

Feitos por um illustrado lente cathedratico da nossa Faculdade, os *Pontos de Direito Romano* estam á altura dos merecimentos do auctor: precisão de linguagem, clareza de exposição e elegancia de estylo nada lhes faltam para tornal-os uteis aos estudantes dessa disciplina juridica.

Recommendamos aos collegas do 1.º anno que se munam dos fasciculos publicados de muito lucrarão, pois que comprehendem grande parte dos pontos do programma, quando não todos, facilitando-lhes deste modo o estudo da sciencia de Papiniano.

-- Continuamos a receber a visita dos illustrados collegas: *Provincia, Diario de Pernambuco, Jornal do Recife, Commercio de Pernambuco, Pequeno Jornal, Era Nova, Lanterna Magica: o Onze de Agosto* numero unico, anno XVII do Collegio do mesmo nome, traz variada collaboração dos professores e alumnos desse estabelecimento de ensino; os fasciculos 22 e 23 d'A *Crença*, que entre outros interessantes artigos trazem as respostas a um questionario formulado por um collega nosso ao talentosissimo conego João Machado; o n. 4 da *Escola de Direito*; O *Progresso*, de Palmares; o n. 1.º do *Bumba*; A *União*; os fasciculos 50 e 51 da conceituada *Revista Catholica*, do Rio de Janeiro; A *Revista Juridica*, dos operosos collegas da Faculdade Livre de sciencias juridicas do Rio de Janeiro; O *Labor*, da cidade de Bananeiras da Parahyba; o *Vigilante*, do Pilar nas Alagoas; o *Patriota*, órgão dos estudantes do Gymnasio Paulista, de

S. Paulo; n. 6 anno II d'A *Evolução*, órgão do Centro Litterario e Scientifico Academico, dos nossos collegas da Faculdade de Direito de S. Paulo; A *Gazetilha*, de Porto Alegre; A *Razão*, de Ser. gipe; A *Patria*, de Pouso Alegre, Minas Geraes; O *Trabalho e A Palavra*, de Penedo; O *Commercio de Alagoas*, de Maceió; A *Ordem*, do Sobral; A *Verdade*, da Fortaleza; A *Tribuna*, de Natal; o n. 12 anno 2.º d'A *Academia*, órgão dos Estudantes de Direito de Minas Geraes; os ns. de 1.º de Junho e 1.º de Agosto deste anno da *Revista Elegante* com as gravuras da Igreja de Santo Antonio e Escola Popular Onze de Agosto e boa parte litteraria de S. Luiz do Maranhão; o *Anuario Hidrografico del Rio de la Plata para el año 1891* pelo Sr. Dr. C. A. Arocena engenheiro hydraulico, de Montevideo.

## REGISTRO DOS MORTOS

— Após longos soffrimentos desapareceu do numero dos vivos o iuditoso academico Maciel Seabra: natural do Rio Grande do Norte conseguiu á custa de urgentes sacrificios matricular-se na Academia onde cursava o 3.º anno juridico.

Unico arrimo de quatro irmans solteiras Maciel Seabra pelo trabalho constante na arte de ourives em que era exímio conseguia mantel-as e deste modo provia a sua propria subsistencia.

Mezes antes de sua morte alguns devotados collegas cercavam o seu leitoprocurando prestar-lhe serviços, os pequenos serviços de que carecem os que se vem privados do conforto e bem estar materiaes que nem sempre a fortuna proporciona.

Dentre os poucos collegas que o visitaram e assistiram, Estevão Lellis teve occasião mais uma vez de patentear a sua grande alma dedicada ao bem, o seu amor desinteressado por todos os que soffrem, auxiliando, ajudando o moribundo a dar o ultimo bafejo vital.

Maciel Seabra morreo recebendo todos os sacramentos que a Igreja proporciona aos que tem de deixar esta vida por outra melhor.

Por occasião de baixar ao tuzulo o cadaver de Maciel Seabra usaram da palavra Rodrigo Costa e Targino Filho que, emuocionados diante da triste mansão dos mortos, deixaram escapar de seus labios, sentidas phrases de saudade pelo companheiro a quem faziam o adeus ultimo.

Por iniciativa do mesmo collega Rodrigo Costa, que tomou sobre si o espinhoso encargo de abrir uma subscrição entre os collegas de Academia, o enterro foi pago á custa da mocidade academica e entregue ás irmãs do morto o restante da somma arrecadada.

— Um outro fallecimento a que não nos podemos deixar de manifestar, já pela amizade que nos prende á familia do morto, já pelas nobres qualidades que exornavam o seo caracter, é o do honestissimo cidadão Joaquim Olynto Bastos.

Homens da envergadura moral de Olynto Bastos, cuja vida é um espelho de sinceridade e de peregrinas virtudes privadas, quando desaparecem do tablado da actividade publica deixam um vacuo por muito tempo impreenchivel na sociedade em que vivem.

Cidadão, pae de familia e commerciante, Olynto Bastos pode ser citado como modelo nessa triplice manifestação da actividade humana.

Não precisamos fazer-lhe o elogio desgragadamente tão barateado pelo vozeer da lisonja que nivela o homem de inteireza moral ao que não a tem, pois que são conhecidos de todos de Pernambuco, dos pobres a quem soccorria, das pessoas com quem privava a sua piedosa alma christã, o seo bondoso coração saturado dos ineffaveis ensinamentos catholicos.

Nós que nos habituamos a honrar o merito, a venerar a virtude, a ter o culto pelos que fazem da vida não o theatro de sensações e gosos materiaes-esterilizadores das energias do espirito; mas o certamen em que tem de provar o aço dos elevados deveres moraes para com a Patria e a humanidade, dando este ligeira noticia do passamento de tão conspicuo cidadão, prestamos-lhe o tributo de nossa admiração ao mesmo tempo que fazemos chegar até sua distincta familia a publica expressão das nossas condolencias.

— Acaba a Imprensa pernambucana de perder um dos grandes batalhadores, um dos esforçados paladinos da causa publica com a morte do Dr. Miguel Figueiroa Faria, director e proprietario do *Diario de Pernambuco*.

Herdeiro de um nome que prende-se á criação de um dos mais antigos jornaes do Brazil affez-se muito moço ás lides jornalisticas a que dedicou todo o vigor de sua intelligencia e grande parte de sua actividade.

Logo que se divulgou a noticia do triste acontecimento o nosso collega Rodrigo Costa procurou os redactores do *Diario* a quem sentimentou em nome do *Congresso Academico*.

Entretanto como a expressão dos nossos sentimentos deve emergir a luz da publicidade para patentear a solidariedade que nos une ao illustre confrade de cano do jornalismo pernambucano, na dor por que acabou de passar, aqui o fazemos renovando-lhe as nossas condolencias.